

NOTAS PARA UMA BIBLIOTECA MUSICAL

Sónia Maria da Costa Passos

(...) sin libros es imposible obtener una formación teórica. Porque sin partituras es imposible aprender a tocar. Porque sin registros sonoros es imposible conocer, estudiar y analizar las obras musicales.

(in. Jornadas sobre Bibliotecas en Conservatorios y Escuelas de Música, p.87)

INTRODUÇÃO

A integração do ensino das artes no ensino politécnico teve lugar a 1 de Julho, através do Decreto-Lei nº310/83, no Instituto Politécnico do Porto.

A Escola Superior de Música deste Instituto foi criada pelo Decreto-Lei nº46/85, de 22 de Novembro, privilegiando o ensino da música. A Escola Superior de Música extinguiu-se em 1994, e deu lugar à actual Escola de Música e Artes do Espectáculo, integrando, desde então, novos cursos, nomeadamente, o curso de Teatro, e outras valências no estudo da música como Composição ou Formação Musical, e ainda o curso de Produção e Tecnologias da Música em 1997, perspectivando, no futuro, a criação de um curso de Dança.

A biblioteca da ESMAE reflecte, inevitavelmente, a história e a evolução da instituição em que se integra. Até, aproximadamente, ao ano 2000 pouco investimento foi efectuado nos fundos e na dinamização deste serviço. A colecção foi crescendo sem uma orientação específica e concertada de aquisições. O próprio tratamento técnico documental foi sendo feito, sem rigor de normalização nas “antigas” fichas operculadas, que iam alimentando os ficheiros metálicos, que se mantiveram na sala de leitura até 2005 para efeitos de pesquisa.

O fundo bibliográfico existente até esse momento reflectia uma forte presença de material musical, nomeadamente de partituras e registos sonoros

(CD's e discos em vinil), e uma menor presença de livros de teatro, nomeadamente peças de teatro e livros de teoria dramática.

A gestão de uma unidade documental com estas características específicas, relativamente a materiais, a normativas técnicas, a espaço, a condições de acondicionamento e disponibilização do acervo configuram um exemplo que gostaria de partilhar.

HISTÓRIA E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE INOVAÇÃO

A dinamização de uma biblioteca com passado, que conheceu outras pessoas e outras formas de fazer é, tal como um organismo vivo, portadora de uma história que a explica e que pode apoiar o seu desenvolvimento e a sua evolução.

A tentação de trabalhar uma biblioteca sem lhe ouvir a história pode ser uma precipitação, porque todas as bibliotecas (exceptuando as criadas de raiz) têm um passado que importa querer saber para poder intervir de forma consistente e segura. Com alguma atenção, poder-se-á ouvir a própria biblioteca contar baixinho a sua narrativa e dar sinais sobre as mudanças que vão sendo operadas. É preciso apenas estar atento e receptivo ao seu pulsar.

Durante muitos anos, o processo de pesquisa, na biblioteca da ESMAE era feito do seguinte modo:

para os livros, havia um índice impresso ordenado por títulos e por autores, o qual continha a cotação do exemplar. A consulta destas ferramentas implicava o conhecimento prévio do autor ou do título. Não havia indexação, logo não era possível fazer-se uma consulta por lista ordenada de assuntos.

A catalogação era já efectuada informaticamente, em Porbase 0.4, mas não havia catálogo de consulta para o público, pelo que a forma de contornar esta limitação foi a impressão, permanentemente actualizada, de listagens ordenadas por autor e título, ou seja, por dois dos pontos de acesso mais relevantes.

As partituras eram o material melhor organizado na biblioteca, no que diz respeito à facilidade de pesquisa para os utilizadores: havia ficheiros manuais, ordenados por compositor, título de obra e instrumentação. Para além desta informação se encontrar nas fichas operculadas, existia também em base de dados, num programa em *access* desenvolvido de acordo com o que foram considerados os campos base necessários. Porém não estava disponível ao público para consulta, servia apenas para introduzir os dados para catalogação de partituras.

A partir desta base de dados, tornava-se possível fazer listagens pelos diferentes pontos de acesso criados para a introdução de dados.

Durante muitos anos, foi um professor de música, reconhecido músico e pedagogo português – Fernando Jorge Azevedo - que deu apoio à biblioteca, desenvolvendo este trabalho relativamente às partituras e também em relação aos registos sonoros, ainda que com menor profundidade.

Havia, assim, uma base de dados em Porbase para os livros e uma base de dados criada em Access para as partituras e para os CD's.

Pessoal técnico especializado a fazer trabalho contínuo não houve senão até ao ano 2000.

Houve sempre um funcionário responsável pelo atendimento ao público, mas sem habilitação técnica.

As requisições eram feitas em fichas próprias que se guardavam em capas de argolas. Alunos e professores podiam requisitar o máximo de duas obras. No preenchimento do registo de empréstimo podia ver-se quem tinha requisitado antes ou quem tinha determinado livro ou partitura que não se encontrava disponível na estante.

Apenas alguns livros estavam disponíveis em livre acesso. As partituras e os CD's eram pedidos ao balcão depois de consultados os ficheiros ou as listagens bibliográficas.

O mobiliário então existente, original da antiga casa de meados do século XX onde se encontra actualmente a biblioteca, em nada facilitava a arrumação e a disponibilização do espólio documental.

A informatização da colecção e de todo o processo de gestão documental permitiu “regularizar” algumas práticas e facilitar alguns procedimentos. Esta verifica-se em pleno apenas em 2004, pois até então o processo careceu sempre de estruturas de apoio e infraestruturas de rede suficientemente eficazes.

Todavia, como acontece em todos os momentos de mudança, as resistências revelaram-se a todo um novo *modus faciendi*, como uma forma de defesa pelo desconhecido.

Pese embora, todo o cuidado no respeito pelo trabalho anteriormente efectuado e pela adequação da classificação ao nível das partituras, o impacto inicial ao catálogo informático foi complexo e exigiu bastante investimento na formação do pessoal e dos utilizadores.

Em 2004, todo o material existente na biblioteca ficou integrado numa única base de dados, tornando-se possível fazer pesquisas integradas. Nesse mesmo ano, investiu-se em mobiliário para dispor o material de modo a apoiar o acesso livre às estantes tanto para livros, como para partituras ou CD's.

Substituíram-se os móveis de madeira por estantes metálicas, e adquiriram-se estantes em degrau para dispor os CD's, anulando definitivamente os armários metálicos de gavetas onde estavam arrumados, e aos quais apenas o funcionário do atendimento podia aceder.

A DOCUMENTAÇÃO MUSICAL: O PARENTE POBRE NA GESTÃO DA DOCUMENTAL

As bibliotecas musicais em Portugal estão longe de ser uma tradição. Contrariamente ao que acontece nos países do norte da Europa, as bibliotecas públicas portuguesas não dispõem de material como partituras na sua colecção, o qual apoia o ensino musical nas escolas de ensino regular, e também actividades de aprendizagem musical em Conservatórios e Associações Culturais.

A formação profissional nesta área de trabalho é praticamente inexistente no nosso país.

Em 2005, Clara Assunção e Sílvia Sequeira, ambas a exercer funções na Biblioteca Nacional, leccionaram uma formação sobre catalogação da música impressa, no âmbito do plano de Formação Porbase. Para além destas formações esporádicas, os programas de formação superior na área das ciências documentais não contemplam esta temática, isolando os profissionais que se vêm a braços com este material, não raro sem formação especializada em música, como seguramente seria desejável, mas nem por isso, tornando tarefa impossível. Neste caso, o estudo e o diálogo com os protagonistas tornam-se uma ferramenta obrigatória para desempenhar um bom traba-

lho, e superar as lacunas pela ausência de formação em música.

A norma bibliográfica para descrição dos documentos musicais impressos – ISBD (PM) encontra-se ainda a ser traduzida, por esta dupla de bibliotecária e musicóloga – Clara Assunção e Sílvia Sequeira.

Como instrumentos de indexação, neste âmbito, destaque para MUSAURUS¹ que, genericamente, se adequa mais à indexação de livros sobre música do que propriamente a partituras. Para este efeito, existe um instrumento com uma boa síntese - *Cabeçalho para Documentos Musicais – Partituras*, publicado pela AEDOM – *Encabezamientos de Materia de Música: pautas y modelos*, 1999.

A Universidade de Aveiro criou, em 1989, o curso de Música especialmente orientado para a formação de professores de música para o ensino vocacional (Conservatórios e Academias de Música), contemplando também a possibilidade de formar professores para o Ensino Básico (1º, 2º e 3º ciclos) ou Genérico.

Aquando da informatização, foi a primeira a disponibilizar um catálogo online.

O centro de Estudos Musicológicos, da Universidade de Lisboa encontra-se “encerrado” seja na Internet, seja, telefonicamente.

É praticamente impossível trocar ideias, discutir soluções, pedir apoio ou informação sobre documentação musical, nomeadamente partituras.

Em Lisboa, na Biblioteca Nacional, no Serviço de Música, sob a responsabilidade de Catarina Latino, encontram-se duas técnicas superiores com trabalho na área, mas que lamentavelmente “transpira” pouco ou nada para o exterior a actividade que vai sendo desenvolvida, apesar da importância e do relevo que considero ter sido a defesa da tese de mestrado da bibliotecária Maria Clara Assunção - *Catálogo de documentos musicais escritos: uma abordagem à luz da evolução normativa*, defendida na Universidade de Évora em 2005. Para além deste trabalho, destaque também para o trabalho de Maria João Durães Albuquerque – *A Edição Musical em Portugal (1750-1834)*, que mereceu uma menção honrosa no concurso anual Raul Proença promovido pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, em 2004.

A Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas nunca se debruçou sobre esta tipologia documental, nem sobre os profissionais

que trabalham este tipo de documentação. As entidades internacionais que podem dar apoio sobre estas questões são, para além da IFLA, que disponibiliza em livre acesso a ISBD para Música Impressa em língua inglesa e francesa, a AIBM *Association Internationale des Bibliothèques, Archives et Centres de Documentation Musicaux*, a AEDOM *Asociación Española de Documentación Musical* e a MLA *Music Library Association*, as quais integram a IAML *International Association of Music Libraries*.

Estas instituições promovem formação e editam publicações de extrema utilidade e bastante informadas sobre práticas e realizam estudos teóricos sobre esta área específica da documentação e da biblioteconomia.

BIBLIOTECA EM CONTEXTO: ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL

Livros, discos, partituras são alguns dos materiais que se podem encontrar na biblioteca da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, e sobre os quais me irei deter.

O tratamento técnico destes materiais tem por base as ferramentas disponíveis e comumente utilizadas nas práticas biblioteconómicas, refiro-me às ISBD e às regras portuguesas de catalogação. A catalogação e indexação do livro impresso estão amplamente difundidos, logo não oferecem problemas de grande complexidade quanto à sua descrição física. Todavia a cotação indexada à CDU mereceu algum cuidado.

A biblioteca da ESMAE tem características de uma biblioteca especializada, ou seja, os livros teóricos adquiridos versam temáticas como a psicologia ou a educação aplicadas ao contexto musical e / ou teatral. Esta situação criou alguns problemas metodológicos quanto à cotação, sempre indexada à CDU, mais adequada. A transversalidade cada vez maior das ciências e a dificuldade crescente em estabelecer os limites das ciências, a situação teórica actual parece remeter-nos senão para uma nova Torre de Babel, pelo menos para um imbricado de disciplinas cada vez maior, o que implica uma reflexão aprofundada pelo técnico de bibliotecas no momento de optar por uma classificação adequada. Na ESMAE, a opção passou por considerar, por exemplo, as temáticas ao nível da psicologia da música, da pedagogia musical indexadas às classes 159.9 e 37 da CDU, respectivamente. Esta opção deveu-se à necessidade de “equilibrar” a própria colecção documental. Tendencialmente, as classes 78 e 792 absorveriam toda a colecção, criando seguramente dificuldades na pesquisa em livre acesso, uma vez que arrumaria num grande conjunto, numa mesma estante ou prateleira, temáticas nem sempre próximas ou afins.

Deste modo, o critério foi manter juntas as temáticas gerais e específicas de disciplinas como a psicologia e a pedagogia. Assim, ao lado de uma obra de referên-

¹ HARROLD, Ann; LEA, Graham – *Musaurus: a music thesaurus: a new approach to organising music information*. London: Music Press, 1991. ISBN 1-873260-00-8

cia de psicologia geral, poder-se-á encontrar uma obra de Diana Deutsch ou Nicholas Cook, ou ao lado de um dicionário de pedagogia poder-se-á encontrar obras de Keith Swanwick ou Edgar Willems.

Os materiais encontram-se arrumados de acordo com o tipo de suporte que representam. Se, teoricamente, o ideal seria manter no mesmo alinhamento espacial todos os materiais que reflectem um determinado tema, a verdade é que as condicionantes de espaço físico disponível, por um lado, e a diferença de tamanhos dos diferentes formatos, que criam problemas de acondicionamento e, portanto, de preservação das espécies documentais, por outro, inviabilizam este tipo de arrumação nas estantes.

Os livros estão disponíveis em livre acesso em estantes metálicas próprias.

Os documentos sonoros, discos compactos e vinis, já exigem outro tipo de acondicionamento. Assim, optou-se por estantes em degrau, uma vez que se pretendia que estes materiais estivessem acessíveis ao público.

A disposição de discos e partituras nestas estantes criou novo momento reflexivo: que critérios adoptar?

Foram auscultados professores e alunos, experimentadas soluções, discutidas práticas utilizadas nas bibliotecas públicas, uma vez que são as únicas (que tivesse conhecimento até esse momento) que disponibilizam estes materiais livremente.

As bibliotecas da rede de leitura pública têm experiências muito curiosas a este nível: a Biblioteca Municipal Almeida Garrett, por exemplo, “adaptou” a CDU para os diferentes estilos (78.1 – Jazz, 78.2 – Rock, 78.3 – Clássica) e períodos musicais. Assim, 78.3 será o indicativo de música clássica, seguido da inicial do período musical, das três primeiras letras do apelido do compositor, a primeira letra do nome próprio e a primeira letra do título. Ex: 78.3 / C BEELs para Les Sonates pour le piano / Ludwig van Beethoven.

A referência ao período musical é utilizada apenas para a música clássica. Os períodos musicais definidos são:

- medieval (anterior e 1450),
- renascença (1450-1600),
- barroco (1600-1750),
- clássico (1750-1820),
- romântico (1810-1900),
- século XX (1900-1945),
- moderno (1945-presente).

Os CD's encontram-se em caixas de madeiras compartimentadas, peças estas desenhadas especificamente para arrumação deste tipo de material.

Outro critério é o seguido pela Fonoteca Municipal de Lisboa ou por outras Bibliotecas Municipais como Palmela, por exemplo. Ambas recorreram aos *Princípios de classificação dos Documentos Musicais aplicáveis às coleções de empréstimo*², trabalho resultante das bibliotecas/ discotecas de Paris. Trata-se de uma classificação decimal constituída por 9 classes que podem ser sucessivamente subdivididas.

O quadro geral de classificação é o seguinte:

Classe 0 – músicas de tradições nacionais

Classe 1 – jazz e blues

Classe 2 – rock

Classe 3 – música clássica

Classe 4 – música contemporânea posterior a 1945

Classe 5 – músicas funcionais - vária

Classe 6 – fonogramas não musicais

Classe 7 – fonogramas para crianças

Classe 8 – ciências e técnicas musicais

Qualquer uma das classificações adoptadas pelas bibliotecas da rede de leitura pública referidas, foram colocadas de parte, desde logo por se tratarem de classificações ajustadas a uma realidade distinta, ou seja, trata-se de públicos com características diferentes, onde o leque de tipologias musicais é bem maior. No caso da ESMAE, o género musical é bastante mais restrito, logo a solução a adoptar tornou-se mais exigente e crítica, pois não se compadeceria por um critério que tivesse por base um limite temporal balizado por períodos musicais, e menos ainda por estilos, tanto mais que, à semelhança do que acontece com as ciências, a miscigenação de estilos e a dificuldade crescente de lhe estabelecer os limites são uma realidade.

Perante este estado de coisas, lancei-me numa pequena abordagem empírica no terreno³: através das conversas com professores, e com alunos dos diversos cursos, foi possível perceber diferentes sensibilidades e relações com os documentos. De uma forma genérica, os instrumentistas estariam interessados que os CD's pudessem estar arrumados por instrumentos ou por intérprete; os compositores privilegiavam a arrumação por compositor; os técnicos de som viam vantagem em ter uma ordenação por períodos e estilos.

Da empiria à prática, ponderados os prós e os contras, e atentando nas práticas de uso da biblioteca, concluí que o critério a aplicar deveria ser consentâneo com o que viesse a utilizar para as partituras.

² Disponível em:

http://www.biblioapoio.net/docs/mat/tratdoc/audiov_fiaf.pdf

³ No ano lectivo 2005/ 06 foi realizado um questionário acerca do funcionamento da biblioteca e do grau de satisfação dos seus utilizadores durante o ano lectivo de 2005/06 cujos resultados foram também considerados e apoiaram a tomada de decisões na gestão da biblioteca.

Anteriormente, qualquer um destes materiais estava organizado por número sequencial e não havia acesso livre. A sua “libertação” exigiu que houvesse agora uma articulação entre CD’s e partituras, entre registos sonoros e música impressa.

Foi preciso compreender o que significa “estudar” para os músicos: no caso dos instrumentistas significa sobretudo tocar o instrumento, treinar as técnicas e ensaiar o repertório. Com efeito, a biblioteca, que não tem espaço para estudar os instrumentos, apenas pode disponibilizar uma gravação da obra em estudo, a qual pode ser acompanhada da leitura da obra impressa.

Pensando nesta metodologia de estudo e de trabalho, definiu-se uma classificação capaz de abranger CD’s e partituras e permitir a ligação imediata entre a música impressa e o registo sonoro, a qual pudessem, de futuro, ficar disponível no catálogo informático também. A classificação considerada mais efectiva foi uma classificação / cotação por autor, seguida do número de registo, atribuído na fase de inventariação.

Para as partituras, acrescentou-se ainda informação sobre a formação instrumental⁴.

Dentro desta classificação há três casos mais complexos, relativamente aos CD’s, que ocorrem com frequência e que vale a pena considerar para efeitos de normalização:

- CD’s contendo obras de um ou dois compositores – a cota inclui o nome dos dois compositores: Compositor – Compositor / número de registo.
- CD’s com obras de vários compositores - tratando-se de um CD que contenha obras de mais de dois compositores, cujas formações instrumentais são também diferenciadas, a cota deverá conter a designação – VÁRIOS / número de registo (fica sempre salvaguardada a possibilidade de pesquisar os compositores e as obras contidas no CD a partir do catálogo informático, porém, a sua disposição no espaço das estantes será limitada pelo número de intervenientes e pelo tipo de execução musical).
- CD’s com obras de vários compositores dedicadas a serem executadas por um instrumento ou formação instrumental determinados – a cota reflecte o que considera ser um álbum, ou seja, uma compilação de obras que utiliza um instrumento ou conjunto de instrumentos específicos. Neste caso, a cota reflecte não o compositor, mas o instrumento: ALBUM (instrumento) / número de registo.

DA CONCEPÇÃO À EXECUÇÃO: O ESPAÇO E O MOBILIÁRIO

Antes de proceder à cotação das partituras, considerou-se o mobiliário existente e o espaço disponível.

⁴ legendagem em anexo

vel. Adquiriam-se estantes metálicas para arrumação dos livros e estantes em degrau para os CD’s, mas para as partituras mantiveram-se os armários em madeira, em tempos construídos para este efeito e para esta colecção. Nessa altura, a colecção parecia mais ou menos “fechada” e não se previa a expansão da mesma. Com o tempo, estes armários acabaram por se revelar insuficientes e pouco flexíveis para a organização das partituras.

As partituras comportam diferentes tamanhos, de acordo com o tipo de edição – partituras de bolso e de orquestra, partituras gerais e partes - e o próprio estilo musical – a música contemporânea tem grande formatos e a clássica tem tamanhos mais normalizados -, podendo encontrar-se partituras com 15 cm até partituras de 60 e 80 cm. de comprimento. Face a estes pressupostos, percebeu-se que haveria necessidade de usar espaço das estantes metálicas para colocar algumas partituras. Optou-se, então, por usar estas últimas para as partituras de bolso (PB), para as partituras facsimiladas (FS) e para as partituras de grande formato (GF), e as partituras para Ópera (OP), Canto (Ca) e Coro (Co). Usou-se um critério de tamanhos, para as partituras de bolso (PB), partituras facsimiladas (FS) e partituras de grande formato (GF), e um critério instrumental para separar todas as partituras que usam a voz como principal instrumento (Ca), (Co), (OP).

A cotação das partituras obedeceu aos mesmos parâmetros dos CD’s, como referido, diferindo apenas num elemento que foi acrescentado à cota e que diz respeito à instrumentação. Assim, a cotação das partituras é constituída por: Compositor / instrumentação / número de registo. Deste modo, reúne-se toda a obra de um determinado compositor e dentro desta, fica ordenada pelas diferentes formações instrumentais para as quais escreveu.

As situações excepcionais seguem o normativo usado para os registos sonoros.

O interior das portas dos armários contém informação das existências em cada prateleira.

A	CRUMB, George – <i>Cb / Pn</i>	CRUSELL, Bernhardt Henrik - <i>Cl</i>
	CRUZ, Duarte Ivo - <i>Vi</i>	CZÉERNY, Carl – <i>Pn</i>
B	DAMASE, Jean-Michel - <i>Fl</i>	DEBUSSY, Claude – <i>Cl</i>
	DAYER, Xavier – <i>Fl</i>	
C	DEBUSSY, Claude – <i>MC / Orq</i>	
D	DEBUSSY, Claude - <i>Pn</i>	DELGADO, Alexandre – <i>Cl/ Fl/ Va/ Vc</i>
	DEVIENNE, François - <i>Fl</i>	DENISOV, Edison - <i>Sax</i>
E	DHAINE, Jean-Louis – <i>Sax</i>	DITTERSDORF, Karl Ditters von – <i>Cb/MC</i>
	DIABELLI, Anton – <i>Git</i>	DITTRICH, Paul Heinz – <i>Vc</i>
	DIAS, Amílcar Vasques – <i>Fl</i>	DONT, Jacob – <i>Vi</i>

	Vc	
	DILLON, James - MC	DOTZAUER, Justus - Vc
F	DRAGONETTI, Domenico - Cb	DUPORT, Jean-Louis - Vc
	DUARTE, John - Git	DUTILLEUX, Henri - Fl
	DUBOIS, Pierre Max - Trp / Vl	DVORAK, Antonin - MC/Pn/Va/Vl
	DUPHLY, Jacques - Cr	
G	EISLER, Hans - MC	ERDMANN, Dietrich - Sax
	ENESCO, Georges - Fl	ESCAICH, Thierry - Sax
	ENGLUND, Einar - MC	ESPLÁ, Óscar - Git
H	FALLA, Manuel de - Git	FAURÉ, Gabriel - Fl / MC / Pn
	FARKAS, Ferenc - Git	
I	FAURÉ, Gabriel - Vc / Vl	
J	FELDMAN, Morton - MC	FERNANDES, Armando José - Pn
	FENIGSTEIN, Victor - Cb / MC	FERNEYHOUGH, Brian - Fl / MC
K	FEUILLARD, Louis - Vc	FORQUERAY, Antoine - Cr
	FINDEISEN, Theodor - Cb	FOX, Frederick - Cl
L	FRAGOSO, António - MC	
M	FRAGOSO, António - Pn	

Quadro 1. - Quadro de Legenda por prateleira

A partir de meados dos anos 90, os projectos de arquitectura e engenharia para construção de novas unidades de ensino superior, contemplaram, de raiz, um espaço para a biblioteca, pese embora, algumas destas bibliotecas apresentarem deficiências acústicas, de organização dos espaços de circulação ou de pormenores construtivos frágeis. Até então, foram-se sucedendo adaptações variadas de espaços, mais ou menos conservados, mais ou menos perdidos, mais ou menos isolados, para disponibilizar alguns livros para os estudantes e para os professores. O atendimento estava longe de ser profissional, e o material estava arrumado de acordo com o espírito de iniciativa do funcionário, ou de algum professor "carola"⁵.

A ESMAE ocupou o edifício do antigo Magistério Primário. A massificação do ensino artístico e as limitações do espaço existente obrigaram a obras de ampliação e à construção de novos pavilhões. A biblioteca, conta quem acompanhou os professores que vieram do Conservatório de Música para fundar a antiga Escola Superior de Música (ESM) em 1985, *passou de uma salinha com umas estantes (...)* para o actual espaço, que foi também sala de reuniões, infantário e antes disso ainda residência oficial do inspector da educação, nas suas deslocações ao Norte.⁶

Neste momento, a biblioteca da ESMAE mantém do edifício antigo o acervo bibliográfico e discográfico e

um novo edifício apenso a este e comunicante com este uma sala de leitura, com computadores e leitores de CD e discos em vinil.

BIBLIOTECAS MUSICAIS E AGRUPAMENTOS RESIDENTES

As escolas de ensino artístico têm como prática a criação de grupos de trabalho, sejam formações de orquestra ou formações de música de câmara, ou ainda oficinas de música contemporânea.

A biblioteca da escola deve ter um papel activo no apoio ao trabalho que estes vão desenvolvendo, nomeadamente na disponibilização das obras a executar, por um lado, e no arquivo áudio e vídeo das apresentações públicas sempre que haja registo, bem como das notas de programa. Todas as obras criadas pelos alunos e executadas por alunos têm espaço reservado na biblioteca, num espaço que assume, de certa forma, um centro documental da ESMAE, uma vez que se trata de um conjunto de documentos que acompanham o trabalho artístico, onde se podem encontrar gravações de concertos, aulas gravadas, obras tocadas, programas de concerto.

A descrição dos conteúdos é feita num nível de grande profundidade, permitindo a pesquisa pelos alunos instrumentistas ou pelo maestro.

Como afirma Lasarte Gogorza: *La gestión de la biblioteca pasa por definir sus objetivos en función de las actividades de la escuela, las necesidades de los usuarios, la integración en el entorno educativo, bibliotecário y musical y la vertebración de los recursos disponibles y posibles.*⁷

A biblioteca dá, assim, cumprimento à sua declaração de missão:

- *A Biblioteca da ESMAE é a unidade científico-pedagógica a quem compete adquirir, recolher e tratar tecnicamente todas as obras e documentos que se revistam de interesse para as actividades da instituição*

- *Tem como missão tornar acessíveis e difundir os recursos informativos; conservar e preservar o seu fundo; contribuir para o incentivo da aprendizagem dos membros da ESMAE.*⁸

BIBLIOTECA COMO AGENTE DE MUDANÇA

As bibliotecas são cada vez mais realidades complexas, onde estão presentes um número cada vez mais diversificado de suportes e formatos de informação,

⁵ retrato aqui uma imagem generalista, eventualmente hiperbólica, que tem seguramente honrosos casos de excepção

⁶ a recolha destes dados contou apenas com o testemunho dos funcionários mais antigos e da direcção da escola.

⁷ Lasarte Gogorza, 2003, p.143

⁸ In. Regulamento da Biblioteca

por um lado, e de novas práticas de gestão adequadas aos novos modelos de ensino, por outro.

Entendo as bibliotecas universitárias e especializadas, principalmente as que pertencem ao domínio da administração pública, seja local ou central, como espaços de intervenção e de mudança.

Esta mudança efectua-se na prática da gestão diária dos serviços e na atenção prestada aos usos e necessidades dos utilizadores destas unidades documentais.

Assim, mediante um elenco de características específicas dos utilizadores ao nível das formas de pesquisa, da relação com os documentos e de apropriação do espaço físico e virtual da biblioteca, é possível e necessário efectuar adaptações ao nível da parametrização dos softwares de gestão de bibliotecas, nomeadamente dos catálogos Web.

A criação de pontos de acesso específicos e a introdução de notas de conteúdo são uma reflexo de um olhar atento sobre a população que é servida.

No caso das bibliotecas musicais, e no caso específico da biblioteca da ESMAE, foram parametrizados campos no âmbito da categoria instrumental. Deste modo, mediante uma dada pesquisa, é possível fazer uma limitação dos resultados com base nas categorias outrora usadas nos catálogos manuais (de acordo com o princípio enunciado de preservação da memória e de respeito pelas práticas), as quais incluem, no parâmetro Instrumentação:

- canto,
- cordas,
- jazz,
- música de câmara,
- orquestra,
- percussão,
- sopros e
- teclas.



Figura 1. – Pormenor do catálogo web da biblioteca da ESMAE

A introdução de notas de conteúdo é de extrema importância, devendo a catalogação ser o mais completa possível, no sentido de possibilitar a recuperação de títulos incluídos em peças colectivas, como por exemplo nos livros de canções e de Lieder ou nas obras completas de um dado compositor ou nos álbuns musicais para determinado instrumento, seja em partituras ou CD. A introdução desta informação permite facilmente apreender a existência de música impressa e correspondência do registo sonoro, e o inverso. Neste momento, esta ligação pode ainda ser aperfeiçoada de modo a haver uma informação mais imediata sobre a disponibilidade do registo sonoro de uma determinada música impressa e o inverso também.

A presença dos catálogos na internet é uma ferramenta de difusão e divulgação do património de uma biblioteca por excelência. É este interface que permite que pessoas de fora das comunidades de ensino possam ter interesse em conhecer e utilizar a documentação. Os “leitores externos” como se usa dizer na gíria biblioteconómica são uma presença muito importante na exportação da imagem e do trabalho das bibliotecas.

Numa época onde a ideia da utilização do marketing passa também pelos serviços documentais, facilmente se compreende que o reconhecimento externo do funcionamento de um serviço, cria uma mais valia não só para o serviço, mas para a própria instituição tutelar.

A prática de formação utilizadores é uma tradição em muitos países da Europa e nos EUA, havendo inclusivamente estudos que associavam a taxa de sucesso do desempenho escolar dos estudantes com a taxa de utilização da biblioteca⁹. Em Portugal, tem vindo a ser adoptada, nomeadamente para com os alunos de primeiro ano de licenciatura, com resultados que revelam um uso mais efectivo das bibliotecas.

Os utilizadores ficam familiarizados com as principais fontes de informação que têm disponíveis, com a forma como podem utilizar os recursos que as suas bibliotecas oferecem e a rentabilizá-los para os seus estudos e em todo o processo de aprendizagem.

Na ESMAE, ao longo dos anos, tem-se verificado uma tendência curiosa: se até 2007 se verificava constantemente um número de empréstimos de partituras superior ao número de empréstimos de livros, a partir de 2008, o número de empréstimos de livros aumentou e mantém a tendência em 2009. Esta dado é tanto mais relevante, quanto o facto de se perceber que, ao nível do público que frequenta a biblioteca, os alunos de teatro têm marcado uma maior presença. Essa presença passa pela utilização do espaço

⁹ In. Follet Report

para estudo, da máquina de fotocópias, mas também pela utilização do próprio acervo, o que muito me apraz, pois significa que o espólio bibliográfico corresponda às necessidades dos alunos.

Há, pois, aqui um efeito das inovações introduzidas e a demonstração da mudança operada na relação entre os alunos de um determinado segmento da população escolar e a biblioteca, que é preciso continuar a estimular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Maria João Durães - *Edição Musical em Portugal (1750-1834)*. Lisboa: INCM; FCG, 2006. ISBN 972-27-1533-X

- ARRÚE, Gabriela (coord.) - *Jornadas sobre Bibliotecas en Conservatorios y Escuelas de Música: ponencias*. Madrid: AEDOM, 1996. (Colección de Monografías, nº2)

- ASSUNÇÃO, Maria Clara - *Catálogo de documentos musicais escritos: uma abordagem à luz da evolução normativa*. Évora: Universidade de Évora, 2005. Dissertação de mestrado em Ciências Documentais.

- *Encabezamientos de Materia de Música: Pautas e Modelos*. Madrid: AEDOM, 1999. (Colección Cuadernos de Documentación Musical, nº1). ISBN 84-922195-2-1

- ESMAE - *Biblioteca da ESMAE: Regulamento*. Porto: ESMAE, 2007

- HARROLD, Ann; LEA, Graham - *Musaurus: a music thesaurus: a new approach to organising music information*. London: Music Press, 1991. ISBN 1-873260-00-8

- HIGHER EDUCATION FUNDING COUNCIL FOR ENGLAND - *Joint Funding Council's Libraries Review Group: The Follett Report* [Em linha]. Bristol: HEFCE, 1993. [Consult. 10 Mar. 2003]. Disponível em: <URL: <http://www.ukoln.ac.uk/services/papers/follett/report/>>.

- IFLA. ISBD(PM) Working Group - *ISBD(PM): International Standard Bibliographic Description for Printed Music*. 2 nd ed. revised. München: K.G. Saur, 1991

- *Jornadas sobre Bibliotecas en Conservatorios y Escuelas de Música: ponencias*. [Espanha]: AEDOM, 1996

- LASARTE GOGORZA, Amaia - *La Biblioteca de una Escuela de Música y Danza*. Madrid: AEDOM, 2003. ISBN 84-922195-7-2

Legenda de Instrumentação

Abreviatura	Nome Completo	Observações
A	Alto	usar Ca ou Co
Ac	Acordeão	
ad. lib.	Ad libitum	
B	Baixo	usar Ca ou Co
Bandl	Bandolim	
Bar	Barítono	usar Ca ou Co
Bc	Baixo contínuo	
BE	Baixo Eléctrico	
Bnd	Banda	
Ca	Canto	
Cb	Contrabaixo	
CFg	Contrafagote	
Clng	Corne Inglês	
Cl	Clarinete	
Cl lá	Clarinete em lá	usar Cl
Clá	Clavicórdio	
Cl sib	Clarinete em si b	usar Cl
Co	Coro	
Cr	Cravo	
Fg	Fagote	= Basson
Fl	Flauta	
Flb	Flauta de bisel	Recorder em inglês
Git	Guitarra	
GitE	Guitarra Eléctrica	
Hp	Harpa	
InstC	Instrumentos de corda	
InstS	Instrumentos de sopro	
InstT	Instrumentos de tecla	
MC	Música de Câmara	
Mt	Metais	
MzS	Mezzo soprano	usar Ca ou Co
N	Narrador	
Ob	Oboé	
OP	Ópera	
Org	Órgão	
Orq	Orquestra	
OrqC	Orquestra de cordas	
Perc	Percussão	
Picc	Flautim	= Piccolo
Pn	Piano	
Pn4m	Piano a quatro mãos	usar Pn
S	Soprano	usar Ca ou Co
SATB	Soprano/alto/tenor/barítono	usar Co
Sax	Saxofone	
T	Tenor	usar Ca ou Co
Tb	Tuba	
Timp	Tímpanos	usar Perc
Tpt	Trompete	
Trb	Trombone	
Trp	Trompa	= Horn
Va	Viola	
VaC	Voz a capella	
Vag	Viola da Gamba	
Vc	Violoncelo	
VI	Violino	
VozA	Voz aguda	usar Ca
VozG	Voz grave	usar Ca
VozM	Voz média	usar Ca